Tesourando a heteronormatividade: percepções sobre sexo lésbico em Azul é a Cor Mais Quente

Clara CazariniTrotta[*]
Maísa Moura Chaves de Oliveira[**]

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir no possível impacto que as cenas de sexo entre Adèle e Emma no filme francês *Azul é a Cor Mais Quente* (2013) em pessoas que não pensavam sobre sexo lésbico, através de entrevistas com mulheres as quais, até o momento que assistiram ao filme, nunca haviam tido relações sexuais com outras mulheres. Pensando no imaginário existente, ou não, sobre o sexo lésbico, e como uma cena polêmica poderia dar visibilidade as práticas lésbicas, gostaríamos de perceber no discurso das entrevistadas o impacto, ou não, que essa cena pode ter com as garotas que tem construído um modelo de sexo heteronormativo, e quando tem contato com o mundo lésbico, é a partir de uma ideia fetichizada.

Palavras-chave: sexualidade; lesbianidade; gênero

INTRODUÇÃO

No final do ano de 2013 nas redes sociais, pra quem tem uma timeline com amigxs[1] e páginas que divulgam notícias sobre o que ocorre entre e sobre o que se poderia chamar de pessoas que partilham uma identificação LGBT*, começaram divulgações sobre um filme francês, o qual fez muito sucesso em Cannes, cujo apresenta em sua narrativa um amor entre duas meninas. Além disso, para xs fãs de cinema, várias notícias passaram a ser divulgadas sobre certas polêmicas referentes ao diretor e a maneira como o filme foi gravado. Como pessoas que estão tanto em contato pessoal, como acadêmico com as pautas LGBT* logo nos interessamos por esse filme, e pelas suas repercussões.

As grandes polêmicas ao redor do filme *Azul é a Cor Mais Quente (La vie d'Adèle)* estavam relacionadas as cenas de sexo[2], Léa Seydoux acusou o diretor de

* Graduanda em Ciências Sociais pela UFMG. claracazarini@gmail.com
** Graduanda em Ciências Sociais pela UFMG. maisamourac@gmail.com

1 Esse trabalho faz a escolha do uso de linguagem inclusiva, substituindo a(s) letra(s) responsáveis por generificar as palavras por 'x', para incluir masculino, feminino e o que vai além disso.

2 Mais informações na reportagem: http://www.cartacapital.com.br/revista/778/a-venus-tocada-8923.html

voyeurismo, e de levar ela e AdèleExarchopoulos, que interpreta a personagem principal Adèle, a chegarem à exaustão. O resultado dessas filmagens foram duas cenas de sexo, a primeira e mais longa tem 7 minutos de duração, e foi em torno dela que houveram outras polêmicas. O fato de a cena ter tal duração, e por ter um sexo muito explícito, fez com que houvessem vários comentários em torno dela, inclusive, pessoas se levantarem durante a exibição e abandonaram as salas de cinema.

O filme *Azul é a Cor Mais Quente*, teve, segundo o site Adoro Cinema[3] uma bilheteria de 103.775, o que é um número elevado ao se pensar que se trata de um filme francês, que aborda a temática lésbica e grande parte de sua exibição foi em cinemas "alternativos", os quais não fazem parte das grandes redes de cinema e não passam filmes hollywoodianos. Ele entrou em cartaz no dia 6 de dezembro e tem quase três horas de duração, tendo vários elementos os quais poderiam ser desfavoráveis para o filme em questão de número de espectadores. Contudo, a repercussão de suas polêmicas foi responsável por grande parte das curiosidades e vendas de ingresso.

Este trabalho entrevistou meninas que assistiram ao filme e que até o momento de tê-lo visto não haviam tido relações sexuais com outras mulheres. Isso se deu devido ao fato desse filme ser visto por várias pessoas de nosso convívio, não se restringindo apenas ao público de meninas as quais tem relações ou relacionamentos com outras meninas. Dessas pessoas que assistiram as que nunca haviam feito sexo anteriormente com outras mulheres logo nos procuravam para conversar sobre a cena e impactos e inquietações causados nelas. A cena de sexo foi muito emblemática, causou tanto uma discussão na mídia, como entre xs que a assistiram, e notamos que as meninas as quais não haviam tido relação com outras meninas e nos procuravam para conversar sobre, ficavam muito surpresas com tais cenas.

Como cursantes de ciências sociais começamos a nos questionar sobre todo o alvoroço causado em torno das cenas de sexo, tanto midiático, quanto das atrizes, e até das pessoas em nosso cotidiano. Donna Haraway aponta no texto "Saberes

3 http://www.adorocinema.com/filmes/filme-203302/bilheterias/

Localizados" uma construção de uma objetividade feminista, o qual se liga a localização do sujeito que fala, se colocando de onde fala assim se responsabilizando pela construção desse conhecimento. Esse trabalho parte de nossas inquietações em cima das várias polêmicas geradas, principalmente pela cena de 7 minutos de sexo entre duas garotas no filme *Azul é a Cor Mais Quente*. Além do tabu do sexo que envolve uma cena com tal duração e explicitação dos corpos e posições, o que a envolve é também a questão da invisibilidade lésbica. Não só abordando o fato das lésbicas serem socialmente invisíveis, mas como sua sexualidade também o é.

O sexo entre mulheres é muito pouco retratado no cinema, como disse Amanda[4]: "eles deixam a entender o que vai rolar, mas é no máximo preliminar que eu já vi". E quando se trata de filmes pornográficos, o sexo entre mulheres é voltado para o público masculino, para o prazer deles, é feito de uma maneira fetichizada. Segundo, AdrienneRich:

> "A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que a sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado." (RICH, 2010, p.26).

Com esse tipo de representação do sexo entre mulheres, é possível entender o impacto causado por essa cena.

1. A vida (sexual) de Adèle

O filme *Azul é a Cor Mais Quente* é homônimo, em sua tradução para o português, ao HQ que lhe deu inspiração, *Le Bleu est une couleurchaude*[5]*.* A história é uma livre adaptação, e o diretor tunisiano AbdellatifKechiche usa do livro a ideia de

4Uma de nossas interlocutoras

5A autora da HQ é a francesa Julie Maroh, que é lésbica assumida, e militante pelos direitos LGBTT*

como um olhar cruzado na rua com alguém desconhecidx pode mudar uma vida[6]. O filme conta a história de Adèle, uma estudante francesa no ensino médio. Como se é socialmente esperado ela conhece um rapaz, ele se interessa por ela e ambos começam a ter um relacionamento. É visível o descontentamento dela com a relação, por mais que o rapaz goste muito dela, e a trate muito bem.

Quando a moça foi ter seu primeiro encontro com o rapaz ela cruza com uma menina de cabelos azuis, as duas se olharam intensamente. Adèle ficou perturbada com tal cena, e sonha com a menina do cabelo azul, e a cena mostra Adèle se masturbando. Logo ao romper o relacionamento com Thomas, a jovem é beijada por uma de suas colegas de classe ao fugir de uma aula, isso a deixa muito confusa, e no dia seguinte ela segue a colega até banheiro e a beija, contudo sua colega diz não ser lésbica e que havia entendido errado, mas não contaria para ninguém sobre o mal entendido.

O melhor amigo de Adèle, Valentin a leva em uma boate gay, e ela sai de lá seguindo um grupo de lésbicas até um bar. Nesse estabelecimento é abordada pela menina do cabelo azul, a mesma com a qual havia cruzado olhares na rua. Após saírem algumas vezes juntas, ambas se beijam, e em seguida vem à primeira cena de sexo. Elas estabelecem um relacionamento muito intenso, assim como a cena de sexo. Uma conhece a família da outra, Adéle é apresentada como namorada, Emma apenas como amiga. Após um corte temporal ambas aparecem morando juntas.

Emma não exibe mais os cabelos azuis, Adèle é agora professora de educação infantil. Uma das questões que gira em torno do casal, desde os tempos do namoro é a diferença de classe entre elas, Adèle veio de uma família trabalhadora francesa, enquanto Emma é artista, e vem de uma família burguesa. É possível notar um grande incomodo de Emma em relação a companheira no sentido da professora procurar estabilidade, enquanto a artista procura viver em busca de seus sonhos, e da arte. Em uma festa oferecida por Emma na casa do casal para amigxs, Adéle fica muito desconfortável ao não saber lidar com as pessoas ali, e

6 “Praticamente, só o que me interessou foi o acaso desse encontro que vai mudar a vida das duas mulheres.” Disse o diretor AbdellatifKechiche segundo reportagem em: http://www.dgabc.com.br/Noticia/498581/-azul-e-a-cor-mais-quente-estreia-hoje?referencia=buscas-lista

Emma também com o fato de sua companheira se destoar tanto daquele ambiente. Adèle prepara a festa toda sozinha, faz a comida, serve xsconvidadxs, e depois lava a louça só, enquanto Emma está deitada lendo. Quando a professora se deita e tenta começar a beijar sua companheira, esta se recusa dizendo estar menstruada.

Após ter negado várias vezes, Adèle aceita sair com um colega de trabalho o qual sempre a convidava, ao receber uma ligação de Emma avisando que ficará trabalhando até mais tarde em seu estúdio. Nessa saída ela acaba beijando seu colega, o filme dá a entender que esse encontro passa a ser recorrente, pois ele a deixa em casa em uma noite diferente da qual ocorreu o primeiro beijo. Emma a está esperando, afirma tê-la visto beijando dentro do carro e após uma briga expulsa Adèle de casa.

O filme se segue demonstrando a dificuldade de Adèle em superar a separação. Em um encontro anos depois, Adéle tenta ficar com Emma, dizendo ainda gostar dela, e questiona se o que Emma tem com sua nova companheira é tão intenso e bom quanto o que elas tinham. Esse apelo da personagem demonstra como o sexo era algo central na relação das duas, e como a intensidade dessa relação era marcante.

2. Em relação

As entrevistas para esse trabalho foram feitas através de um roteiro previamente pensado, envolvendo perguntas tanto sobre o filme, a cena de sexo e a pessoa entrevistada. Tentamos levar as entrevistas da forma mais informal possível e realiza-las como uma conversa por se tratar de um tema tabu, o qual pode ser mais constrangedor para nossas interlocutoras de pesquisa. Chegamos a elas através da nossa rede de contatos, e redes sociais, algumas já nos conheciam, outras não. O fato de que utilizamos nossa rede de contatos criou uma amostra abrangendo meninas universitárias, majoritariamente brancas, de faixa etária entre 20 e 25 anos. Apesar de sabermos da importância de uma maior pluralidade, e de outros marcadores interseccionais[7], como raça e classe, o filme mesmo tendo

7"Segundo Crenshaw, as interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo. Essa noção de 'interação' entre formas de

atingido um público que achamos relativamente surpreendente, é um filme francês, com atrizes brancas, magras que, quando em cartaz, passou em um cinema fora de circuito comercial em Belo Horizonte. Então, tanto o fato de chegarmos a essas meninas através de pessoas de nosso convívio, quanto pelo fato de, infelizmente, o filme não chegar a um público muito diverso, nossas interlocutoras tem um perfil composto por marcadores e identificações muito parecidos.

Contudo a experiência de nossas interlocutoras foi essencial, e muito interessante para que esse conhecimento, a partir delas fosse construído:

> "Trata-se de alçar o *status* desses novos interlocutores de campo à condição efetiva de coprodutores do conhecimento etnográfico e, mais do que nunca, de dar-lhes crédito por essa atuação. Ao elevar a contribuição do "pensamento nativo" à produção do conhecimento, fazemos isso hoje considerando, simetricamente, as vozes de cientistas, de engenheiros, de ativistas de movimentos sociais, de coletivos indígenas, etc. Parece-nos que a antropologia, da ciência nos conduz a adotar uma postura de menos 'falar sobre' e mais 'falar com'." (FONSECA & SÁ, 2011. P. 10)

E é através desse falar com, que foi possível a construção desde trabalho, pois a experiência das interlocutoras dialoga e faz jus com as inquietações responsáveis por este texto, o qual agora é também construído por elas.

As entrevistas foram, em sua maioria, realizadas pessoalmente, algumas feitas por chamada de vídeo. Notamos que nossos marcadores influenciavam nas interações, principalmente em alguns assuntos. Assim, como ErvingGoffman apresenta em seu livro "Representação do eu na vida cotidiana", o cenário, o palco, o público, e os atores com os quais se interage são constituidores da fachada que irá apresentar, pois ele busca manter uma coerência entre todos esses fatores.

Com isso, pelo fato de nos assumirmos politicamente lésbicas e isso ser levado de forma involuntária, mas por vezes proposital, para o campo, pudemos perceber alguns constrangimentos das entrevistadas quando fazíamos determinadas perguntas. Nossa postura como pesquisadoras e como lésbicas acabava por, de

---

subordinação possibilitaria superar a noção de superposição de opressões. Por exemplo, a ideia de que uma mulher negra é duplamente oprimida, à opressão por ser mulher deve ser adicionada a opressão por ser negra. A interseccionalidade trataria da forma como as ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, confluindo e, nessas confluências constituiriam aspectos ativos do desempoderamento. A imagem que ela oferece é a de diversas avenidas, em que cada uma das quais circula um desses eixos de opressão. Em certos lugares, as avenidas se cruzam, e a mulher que se encontra no entrecruzamento tem que enfrentar simultaneamente os fluxos que confluem, opimindo-a." (PISCITELLI,2008, p, 267)

certa forma, intimidar as interlocutoras de pesquisa. Por exemplo, quando perguntamos sobre se acreditavam na existência de pessoas ativas ou passivas nas relações entre mulheres elas, em maioria, demonstraram insegurança para responder, como se estivessem com receio de estarem erradas e às vezes até de responder algo que pudesse nos ofender de alguma forma.

Ainda relacionado à questão de ativa/passiva, nos chamou a atenção em algumas falas que apesar do constrangimento já citado anteriormente, quando perguntávamos como considerariam cada uma das personagens principais elas diziam que sexualmente não havia essa divisão, mas em relação ao relacionamento elas facilmente definiam a Emma como ativa, assumindo que a categoria ativa se aproxima dos papeis que socialmente são atribuídos as pessoas de gênero masculino. Isso demonstra que elas não se sentiam seguras para falar de um âmbito que consideravam não ter experiências, a sexualidade, mas quando se tratavam dos papeis de gênero sentiam-se mais confortáveis.

Esse sentimento de não se sentir capaz de afirmar sobre a questão lésbica, reapareceu quando procuramos saber como as cenas de sexo entre as personagens foram construídas no imaginário coletivo, de maneira que, se as cenas de sexo entre mulheres em filmes pornô são claramente voltadas ao público masculino, e cumprem o papel de corresponder a um fetiche, como, nesse filme que, teoricamente, traria uma outra proposta, essas cenas foram recebidas por essas interlocutoras. Percebemos pelas entrevistas que muitas delas consideraram as cenas possivelmente fetichizadas pautando a afirmação em críticas sobre o filme, elas não se sentiram mais uma vez, confortáveis para afirmar,ou seja, elas só sentiram que podiam declarar sobre quando tinham lido e escutado outras opiniões as quais consideravam válidas, principalmente pensando na nossa presença que poderia entender que o que elas diziam era errado ou certo.

3. Quando o invisível aparece na tela

Antes de nossas conversas com as interlocutoras, quando pensamos no projeto e nas entrevistas, tínhamos entre nossas hipóteses que haveria nas

respostas comparações entre o filme *Azul é a Cor Mais Quente* e filmes pornôs os quais exibissem cenas de sexo entre mulheres, sendo os pornôs vistos de maneira negativa. No entanto, percebemos ao perguntar se já haviam visto filmes ou vídeos com cenas de sexo entre mulheres as entrevistadas se referiam muito mais a filmes comerciais[8], quando não, declararam nunca ter visto cenas de sexo entre mulheres.

No momento em que várias de nossas interlocutoras afirmam nunca ter visto cenas de sexo entre mulheres tanto em filmes comerciais quanto em filmes pornográficos, nos questionamos a razão disso. Podem ser vários motivos, que se intercruzam, para este fato. A sexualidade das lésbicas é algo invisibilizado, AdrienneRich trará em seu texto *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica* (RICH, 2010) a problematização de não se falar sobre lesbianidade, inclusive dentro do movimento feminista. Além de falar da pornografia lésbica, em citação anterior no texto, a autora fala sobre a pornografia:

> "A pornografia não cria simplesmente uma atmosfera na qual o sexo e violência seriam intercambiáveis. *Ela amplia o conjunto de comportamento considerado aceitável para homens em seus intercursos heterossexuais* - comportamento que retira das mulheres reiteradamente de sua autonomia, de sua dignidade e de seu potencial sexual, inclusive o potencial de amar e ser amada por mulheres com mutualidade e integridade." (RICH, 2010, p. 27, grifo da autora)

Com isso podemos pensar em um apagamento do prazer feminino em benefício do masculino em filmes pornográficos, e a invisibilidade das mulheres e a possiblidade delas terem prazer ou relação com outra(s) mulher(es). A não evidenciação da existência lésbica acaba por acarretar em um dos motivos responsáveis pelas cenas de *Azul é a cor mais quente* terem sido tão impactante em

8 "Mas talvez seja o caso de separar em duas coisas em quatro, mas digo isso porque tipo assim... Nos filmes não pornôs, que você poderia chamar de filmes comerciais - Ou seja, filmes que entraram no circuito comercial e passaram no cinema - e os filmes adultos.

Entre os filmes adultos o pornô lésbico pode ser aquele voltado ao público heterossexual masculino (maisntream) e os voltados para lésbicas (alternativo). Entre os comerciais o sexo lésbico pode ser um soft do pornô mainstream, ou seja, bem normativo, uns american pie da vida, onde o sexo lésbico é entretenimento para homens heterossexuais (mainstream), e pode ser os que subvertem essa intenção e usam o sexo lésbico com outros propósitos narrativos (alternativo).

então meio que tanto no pornô como no cinema comercial parece ser bastante diferente o sexo numa visão mainstream e numa alternativa." – Agradecemos a Vitor F. N. Chiodi, bacharel em Ciências Sociais, e graduando e cinema pelo esclarecimento feito em conversa em rede social sobre como poderíamos nomear os filmes.

muitas pessoas. Além da existência lésbica não ser uma questão para as pessoas, as práticas lésbicas também não o são, se chegam aos que não compartilham tal identificação, é a partir de filmes fetichitzados, e não só nos filmes pornográficos que o sexo entre mulheres é tratado dessa maneira.

A partir do momento que a sexualidade lésbica não se torna uma questão, não se vê, não se pensa nela, ela acaba sendo refém de ser considerada a partir de um imaginário coletivo dependente de estereótipos. Daniela, uma das nossas interlocuras disse já ter beijado várias meninas, mas falava não querer transar, pois não queria “encarar uma xoxota”, e as cenas de sexo do filme fizeram com que ela mudasse completamente a percepção anterior em relação ao sexo entre meninas. Disse sempre achar que ou uma “come a outra com a mão” ou “faz sexo oral”, e após o filme, disse ver como existe uso do corpo todo. Mesmo tendo várias amigas lésbicas, ela dizia não conseguir entender quando elas falavam ser diferente do que ela imaginava, e ela ficou muito surpreendida nas possibilidades e posições.

Também podemos pensar no fato da sexualidade das mulheres sempre ser restrita de alguma maneira. Como os filmes pornográficos, por exemplo, são feitos para os homens, não há um interesse de muitas mulheres em assisti-los. Apesar de agora começarem a apontar filmes pornográficos feministas, tanto o conhecimento sobre eles, quanto o acesso a eles são restritos a um público muito específico. Se as mulheres têm até hoje que reprimir sua sexualidade, se relegar ao ambiente privado, e não ter estímulos a desenvolver desejos, curiosidades, experimentações e práticas sexuais, como elas iriam, então, pensar e ter acesso à outra sexualidade que é socialmente apagada? Além de todas essas questões sobre a sexualidade das mulheres na sociedade ocidental, ainda se acrescenta o fato da sexualidade lésbica ser invisibilizada, e então podemos pensar em como vários fatores confluem para que essa cena tenha causado tanto impacto quanto estranhamento em seu público.

As cenas de sexo do filme discutido quando comparadas com outros filmes foram vistos de maneira mais positiva no sentido de explicitar e assim “tornar mais natural” a questão da sexualidade lésbica.

4. Lésbica: uma sexualidade política

A autora francesa Monique Wittig em seu ensaio “The straightmind”[9] (WITTIG, 1992) aborda a questão da construção social dos sexos. Para a autora, tanto a categoria homem, quanto mulher são sociais, e dependem uma da outra para existir. A mulher é uma categoria criada na relação com o/um homem, uma relação hierárquica, de submissão da mesma. Wittig vê a heterossexualidade como um regime político, responsável por a mulher ser oprimida pelo homem. E, quando lésbicas estão fora desse regime da heterossexualidade compulsória, nos termos de Rich, elas não se colocam em relação e submissão ao/a um homem, então elas não são mulheres.

Existe uma grande discussão em torno disso, para Wittig é preciso não apenas as lésbicas irem de encontro a categoria mulher, como também destruam a heterossexualidade enquanto regime político e social. Se assumir como lésbica, de alguma maneira é importante para uma desconstrução da categoria mulher, uma categoria justificada, segundo Wittig, pela opressão. Existe uma diferença no pensamento das duas autoras no momento em que para Rich, mesmo as mulheres heterossexuais possam viver uma existência lésbica, resultante de uma experiência feminina compartilhada por mulheres, para a autora francesa, as lésbicas não são mulheres. Contudo, ambas apontam a heterossexualidade como um sistema sócio-político opressor, e a lesbianidade como algo revolucionário contra esse sistema e contra o próprio patriarcado que, segundo Wittig, decorre do regime heterossexual.

Ao questionada sobre a sexualidade de Adèle, Amanda respondeu que a personagem é bissexual, e isso era interessante tanto para ela, que é estudante de direito e tem vários amigos gays, lésbicas, bissexuais, ou meninas que se consideram heteros e beijam outras meninas, quanto para nós pesquisadoras, que Adèle tenha traído Emma com um homem, pois nós entenderíamos a sexualidade não se limitando a um rótulo. Contudo, politicamente falando, Amanda afirma que pode ser negativo, pois, se existiu algum desejo de pautar a lesbianidade, o público em geral não tem essa desconstrução da sexualidade pensando-a como fluida, e pode interpretar Adèle como uma menina confusa, como alguém passando por uma

9 Straight em inglês pode significar tanto “certo” ou “correto”, quanto “heterossexual”, o título do artigo e do livro são um trocadilho sobre o pensamento heterossexual ser equivalente ao pensamento certo.

fase, e até o fato de ser um homem é negativo por toda opressão que eles já exercem sobre as mulheres.

Assim, pensando nas autoras citadas, o fato da personagem principal ter um caso com um homem enquanto está casada com uma mulher atrapalharia caso o filme quisesse trazer a causa lésbica. Pensando na importância de se opor ao heterossexismo, e se assumir politicamente como lésbica, vimos que Emma é vista assim pelas entrevistadas, todas não têm dúvida ao responder sobre sua sexualidade. O fato de Adèle ter namorado um rapaz no começo do filme não faz nenhuma diferença nas respostas, o que irá influir é o fato dela ter se relacionado com um homem enquanto estava com Emma. E, se para Wittig, a mulher é uma categoria relacional a qual se faz na relação com um homem, e por isso a lésbica não é mulher, Adèle naquele momento passa a não ser mais lésbica, e sim, mulher.

A preocupação apresentada por Amanda, de certa maneira, se confirmou diante da fala de outra entrevistada. Luciana ao longo de toda entrevista se mostrou bastante incomodada com a “indecisão” de Adèle, “nossa, eu achei ela muito confusa. Ela namorou com um homem, depois se apaixonou por uma mulher… Aí pensei, ela se descobriu agora, mas ela foi e traiu a menina com um homem! Ela não decide o que quer!”. Importante contextualizar, Luciana é estudante de Farmácia no interior de Minas Gerais e declarou não ter amigxs homossexuais e não ter amigas que beijam outras meninas. Portanto, tanto a preocupação da Amanda, quanto o que nos diz Wittig sobre a importância de se afirmar como lésbica para então se opor ao heterossexismo, se o filme tivesse a intenção de tratar politicamente a categoria de identidade lésbica talvez ele tenha falhado neste aspecto, por ter preferido não construir uma identidade de orientação sexual fixa para a personagem principal.

É preciso ressaltar que se o filme talvez não tenha trago da melhor maneira, ou como propõem autoras como Wittig e Rich, a discussão sobre a identidade lésbica, ele conseguiu trazer outras questões positivas para a temática. Por exemplo, Suzana, afirmou que o principal motivo que a levou a ver o filme foi estar confusa em relação a sua sexualidade na época, assistir acabou por ajuda-la nesse momento. Ao ver retratada na tela de cinema a confusão de Adèle, é possível que se

crie um vínculo, e uma identificação entre como a menina se sente, de alguma maneira confusa, com a personagem que estaria passando por esse tipo de inquietação em relação a sua sexualidade. É importante ressaltar a importância não só de se pautar a visibilidade lésbica, mas também esse momento de incertezas, pois como vivemos em uma sociedade ainda claramente homofóbica[10] esse processo de "descoberta" pode ser, e ainda é, muito doloroso. E quando uma menina está passando por isso vê que não esta só, pode tornar esse momento menos angustiante. Posto que, a existência lésbica tem sido marcada historicamente pelo apagamento, tanto pela interrupção de produções artísticas ou de registros de memória ou pela aproximação da vivência lésbica a patologia (RICH, 2010), para jovens que estão a construir sua sexualidade ou descobrir seus desejos, ter contato com produções que vem tratar a homosexualidade de mulheres de maneira a considerar "o erótico em termos femininos: como ele não é confinado a qualquer parte do corpo ou apenas ao corpo em si mesmo…" (RICH, 2010, P. 37) contribui para elas poderem se identificar, e como dito anteriormente se sentirem menos angustiadas.

5. Sexualidades além do que se vê

A sexualidade "indecisa" de Adèle foi algo muito presente na fala das interlocutoras. O que pode ter causado tanto incomodo em relação a isso foi a necessidade de classificação existente, e o fato de não conseguir fazê-lo com Adèle faria haver um desconforto em relação a isso. Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade,* discorre sobre como a ideia de sexo e gênero em nossa sociedade necessitam estar em uma coerência decorrente de uma ordem compulsória. Para essa ordem sexo, gênero, desejo e prática sexual devem estar alinhados, uma mulher deve ser feminina, desejar e ter práticas sexuais

10 Em 2012, foram registradas pelo poder público 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT, envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos. Em setembro ocorreu o maior número de registros, 342 denúncias. Em relação a 2011 houve um aumento de 166,09% de denúncias e 46,6% de violações." RELATÓRIO SOBRE VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA NO BRASIL: ANO DE 2012 P.18. Fonte: http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012

com um homem, para se tornar coerente, e essa coerência será responsável para as pessoas terem uma inteligibilidade, serem entendidas pelas outras.

Assim, podemos pensar em Adèle, se ela era uma mulher, feminina e tinha desejo e práticas sexuais voltados para Emma, então, por ela se desalinhar de alguma maneira do esperado, para entendê-la era preciso reajusta-la, e ela passa a ser entendida como uma mulher lésbica. Contudo, no momento em que ela trai Emma com um homem, ela se desajusta de novo, e um esforço cognitivo de classificação e reconhecimento de algo que seria uma identidade para Adèle é desajustado, e ela passa a se tornar, ininteligível. Por isso, causa tanta confusão em pessoas como Luciana. A personagem principal de *Azul é a cor mais quente*, além de ser vista como alguém que "não sabe o que quer", é também causadora de um grande incomodo por não conseguir ser classificada. Ao serem perguntadas sobre como classificariam Adèle, todas tiveram um momento de pausa, pensaram, algumas responderam bissexual, outras não sabiam ou não quiseram classificar, e outras responderam "indecisa". Contudo, ao perguntarmos sobre Emma, que continuou realinhada e cumprindo a expectativa criada sobre ela, as pessoas não tinham constrangimento nenhum e logo respondiam: lésbica ou homossexual.

Aqui nos deparamos com um grande impasse. Ao mesmo tempo que pautamos a importância de uma visibilidade lésbica, é também importante mostrar que as pessoas não se enquadram em classificações ou readequações, em hetero-bi-homo, e que são sim muito mais complexas que isso. O filme foi capaz de apresentar essas complexidades, contudo não é possível saber se apenas estar presente na narrativa é suficiente para causar algum tipo de sensibilidade ou reflexão. A partir das entrevistas, parece que não, houve sim o incomodo, Adèle se tornou ininteligível para muitas pessoas que assistiram ao filme, mas que também não quiseram entender a complexidade por trás não só dessa personagem, mas de todxs.

Por isso é importante pensarmos que quando autoras lésbico-feministas, como Wittig e Rich, pensam no assumir-se politicamente como lésbicas, não é colocando apenas sua sexualidade, seu desejo em pauta, mas uma identificação com um grupo. Se o desejo é tão complexo, e identidades são limitadoras, o

assumir-se politicamente é assumir uma postura para dar visibilidade a quem tem aquelas práticas, e sente identificação com aquele grupo, não se fechando e sim pautando o que a sociedade torna interdito. Pensamos que tal discussão se torna tão complexa quanto o filme, pois até que ponto se assumir como lésbica pode fazer com que isso se torne uma identidade e que se esqueça também da fluidez e complexidade das sexualidades humanas.

O filme traz ambos em seu enredo, o que pode ser muito interessante se pensarmos em termos da importância de colocar em diálogo as duas coisas. Mas, da maneira posta talvez politicamente não tenha sido a forma mais interessante, por mais que essa não possa ser também a intenção do diretor, achamos importante pensar em como uma obra dessas pode representar e pautar tais assuntos. Se Adèle acabou por se tornar uma menina "que não sabe o que quer", todavia isso visto de uma maneira muito negativa, não é interessante. Se todas nossas entrevistadas apresentaram esse incomodo como algo ruim, então talvez seja ineficaz apenas apresentar as relações, suas complexidades e fluidez. Se houvesse, por exemplo, alguma discussão durante o filme sobre a sexualidade de Adèle, será que o "não saber o que quer" poderia ser visto de maneira positiva? Não sabemos, entretanto apenas apresentar a sexualidade como algo que não se resume a uma classificação prévia e se limitar a isso não parece eficaz para desenvolver uma inteligibilidade que vá além.

Conclusão:

Podemos pensar no filme como capaz de tratar da sexualidade lésbica e retratar o sexo entre mulheres de maneira para além da pornografia mainstream, da pornografia voltada para o prazer masculino, e isso, pela raridade merece certa comemoração, afinal, como apontado por autoras como Rich e Wittig, já citadas anteriormente, esta pornografia mainstream vem para reiterar a submissão feminina, apagando toda possibilidade de desejo das mulheres. Quando perguntamos se as cenas eram muito expostas algumas afirmaram que sim, outras que não, considerando às vezes as cenas muito longas, mas praticamente todas as entrevistadas disseram que as cenas compunham o filme, não as considerando

desconectadas da trama ou desnecessárias, ou mesmo fetichitzadas. Bianca, por exemplo, afirmou achar as cenas intensas, assim como, tudo para a Adéle era intenso, não poderia ter sido diferente, ou seja, elas consideraram as cenas também produzidas para a apreciação delas, isto é, para mulheres.

Em basicamente todas as entrevistas, quando perguntávamos sobre possíveis impactos do filme sobre as pessoas, ouvimos sobre o filme contribuir para uma maior "naturalização" da sexualidade lésbica. Isso se faz importante na medida em que levanta uma temática por vezes não abordada pelo feminismo, à invisibilidade ou a marginalidade lésbica. Rich aponta a invisibilidade lésbica como consequência das tentativas de controle masculino da sexualidade das mulheres, transforma a atração sexual genital de uma mulher por outra em tabu, normatizando a heterossexualidade. Para tanto, ao longo de muito tempo

> "A existência lésbica tem sido vivida [...] sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal o que tem sido colocado à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade a coragem e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação a dor." (RICH, 2010. P.36)

A autora completa, também tem contribuído para essa marginalização, a inclusão histórico-politico das lésbicas como versão feminina da homossexualidade masculina, para ela equacionar essas duas experiências mais uma vez contribui ao apagamento feminino. Pensando os fatores já trazidos durante o texto e principalmente o que ouvimos de nossas colaboradoras em suas entrevistas, podemos dizer que o filme causa impacto positivo quando traz um sexo entre mulheres explícito, pouco fetichitzado e voltado para a construção de um enredo protagonizado pelo amor entre mulheres. Quando o filme traz posições sexuais, mesmo que higienizadas (mulheres brancas, magras, depiladas), não buscando atender unicamente desejos masculinos e tenta retratar, diante das ferramentas que se tem (o diretor é homem, nenhuma das atrizes é lésbica, por exemplo), o sexo entre mulheres de uma maneira mais próximas das experiências da vida real, ele contribui para os registros, memória e documentação de existência lésbica, seja

para garotas como Suzana ou como Daniela, do presente e do futuro, seja para o empoderamento das mulheres no sentido de contestar a heterossexualidade, ou para toda uma identidade de grupo que têm pouca memória.

REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA. Azul é a Cor Mais Quente. Diponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-203302/bilheterias/>. Acesso em 02 de Julho de 2014.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. – 2º ed. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2008.

Diário do Grande ABC. 'Azul É a Cor Mais Quente' tem estreia. Diário do Grande ABC. <http://www.dgabc.com.br/Noticia/498581/-azul-e-a-cor-mais-quente-estreia-hoje?referencia=buscas-lista>. Acesso em: 01 de Julho de 2014

FONSECA, Claudia & SÁ, Guilherme. Ciência, poder e ética: implicações e desdobramentos antropológicos. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 7-23, jan./jun. 2011

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1975.

MARGARIDO, Orlando. A vênus tocada. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/revista/778/a-venus-tocada-8923.html>. Acesso em: 02 de Julho de 2014.

MARINO, Mario. Entrevista com AbdellatifKechiche. Disponível em: <http://pancinema.com.br/2014/01/13/entrevista-com-abellatif-kechiche/>. Acesso em: 02 de Julho de 2014.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: Sociedade e Cultura, v. 11, n. 2, p. 263-274. 2008.

RICH, Adrienne. A heterossexualidade compulsória e a existência lésbica. Revista Bagoas, n.05, p.17-44. 2010

Secretaria de Direitos Humanos. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012>. Acessoem: 4 de Julho de 2014.

WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. Boston, Beacon Press. 1992